

IV Encontro Nacional da Anppas
4,5 e 6 de junho de 2008
Brasília - DF – Brasil

DESAFIOS DO MODO DE VIDA NA PESCA ARTESANAL: Comunidade Tanquã, Piracicaba/SP

Raquel Duarte VENTURATO (UFSCar)
Gestora Ambiental, mestranda em Agroecologia e Desenvolvimento Rural
quavelvento@yahoo.com.br

Norma Felicidade Lopes da Silva VALENCIO (UFSCar e USP) - *Pesquisador Científico e docente do Depto de Ciências Sociais e dos PPG's em Agroecologia e Desenvolvimento Rural e de Sociologia da UFSCar. Professora Colaboradora do programa de PPG em Ciências da Engenharia Ambiental da USP*
normaf@terra.com.br

RESUMO

A intensificação nos múltiplos usos das águas na Bacia do Rio Piracicaba tem promovido alterações no ecossistema aquático com decorrente influência deletéria sobre os estoques dos recursos pesqueiros, o que implica em limitações na sobrevivência e reprodução social de comunidades tradicionais. A Comunidade Tanquã do Piracicaba têm o modo de vida centrado na pesca artesanal, afirmando-se nas práticas de trabalho que envolvem o fabrico próprio das técnicas corporais, meios de produção, saberes, crenças e hábitos caracterizados como tradicionais. A deterioração do ecossistema aquático age como um fator de dissolução deste modo de vida, de um lado comprometendo e restringindo o uso dos recursos naturais, e de outro exigindo a modernização de tais práticas para que a pesca artesanal alcance uma sobrevivida. A resistência aparece nas representações de mundo, na memória oral, na sociabilidade extra-econômica, conferindo um contraponto a uma adesão plena à racionalidade de mercado. Entre o desejo de resistir, afirmando-se como um modo de vida válido, e a necessidade de ajustar-se à dinâmica socioambiental macro envolvente, que no caso se manifesta como deletéria à qualidade do ecossistema aquático, a comunidade do Tanquã vive na dualidade da identidade coletiva, que ora se reforça ora se sente ameaçada. Como um estudo de caso, este artigo objetiva apresentar uma descrição sucinta e uma análise sociológica do processo a partir de uma abordagem qualitativa de pesquisa, na qual os relatos orais e a observação direta mesclam-se para caracterizar a estrutura e a dinâmica da produção social do lugar.

Palavras-Chave: Comunidade tradicional; Pesca continental; Pesca artesanal; e Tanquã/Piracicaba.

CHALLENGES ON THE WAY OF LIFE OF ARTISAN FISHERY: Tanquã Community at Piracicaba, SP, Brazil.

ABSTRACT

The intensification concerning the multiple uses of water in the Piracicaba River Basin has led to alterations in the aquatic ecosystem, affecting the fishery supplies with a deleterious influence and causing great limitations to the survival and social reproduction of traditional communities. The way of life within Tanquã community is centered on the artisan fishery, which implies on the fabrication of their own corporal techniques, ways of production, knowledge, beliefs and habits all characterized as traditional. The deterioration of the aquatic ecosystem acts as a factor of dissolution in this way of life. On one hand, by compromising and restricting the use of natural resources and on the other hand, by demanding the modernization of such techniques so that the

artisan fishery can gain additional life span. There is reluctance within the Tanquã that appears as representations of their universe, in the oral memory, and the extra-economic sociability, providing a counterview to a full commitment to the market rationality. Between the desire to resist, affirming itself as a valid way of life, and the need to adjust to the dynamics of macro social environments, the Tanquã community lives the duality of a collective identity, sometimes strengthened, and sometimes threatened. As a case study, the objective of this article presents a brief description and a sociological analysis of the process, from a qualitative approach, in which the oral account and the direct observation are blended to characterize the structure and the dynamics of social production of the community.

Key-words: Traditional community; Continental fishery, Artisan fishery; e Tanquã/Piracicaba.

INTRODUÇÃO

No Brasil, os mananciais superficiais de água doce são a cada dia que passa mais disputados por diferentes usuários, que ao se apropriar desse bem público e, com finalidades econômicas e extra-econômicas, acabam por comprometer sua qualidade. O abastecimento público, a irrigação, a demanda industrial, a mineração, a navegação, a recreação e turismo, a geração de energia elétrica são algumas das formas de uso desse recurso, nas mãos dos usuários que, vistos como agentes desencadeadores de progresso e desenvolvimento, concorrem entre si, tendo como recorrentes os problemas relacionados à vazão e qualidade do ecossistema aquático como suporte de vida.

Disso decorrem perdas significativas das interações socioambientais, destacando-se o comprometimento das condições de reprodução dos estoques pesqueiros. Os habitats naturais ficam sujeitos a processos de eutrofização, sedimentação e outros que resultam “*no empobrecimento sistemático da ictiofauna dos rios brasileiros, fato bastante evidenciado nos rios da Bacia do Paraná*” (DIEGUES, 2002: 21), o que é reiterado por Tundisi (2003:49-50) ao assinalar as “*perdas de espécies nativas de peixes em função da descaracterização do ambiente lótico*”.

A pesca continental não se caracteriza só como um uso direto da água doce, mas também como um uso indireto que depende, primeiramente, da qualidade deste recurso. Em seguida, depende da escala em que a atividade é exercida. A escala de exploração do tipo industrial, por exemplo, na qual o uso dos meios de produção e as relações de trabalho, que visam aumento da produção e da produtividade ao nível das exigências da acumulação plenamente capitalista, no geral não se coadunam com as condições de reprodução dos estoques que são objeto de captura. Isso devido ao tamanho das populações, ao ritmo de reprodução e às condições do ambiente natural que não acompanham a celeridade com a qual as práticas modernas de extração impõem, o que confere às mesmas um papel indutor do colapso pesqueiro ao qual os usuários da água acima referidos também são partícipes. O mesmo não se pode dizer da pesca artesanal.

Mais do que uma atividade econômica, a pesca continental artesanal no Brasil revela-se como um modo de vida. Como tal, apresenta-se como a interação socioambiental em que o conhecimento do comportamento dos estoques e processos reprodutivos correspondentes são orientadores das

técnicas que se pode lançar mão para que tal objeto se perdue, perdurando, assim, o meio de sobrevivência do grupo social que dele depende. A pesca continental artesanal apresenta-se, ainda, como um elemento organizador das demais dimensões da vida social, seja no que concerne à esfera privada quanto à comunitária: receitas e hábitos alimentares da família, forma de reprodução ocupacional, rezas e festividades, formas de solidariedade que se constroem e justificam-se em torno das coisas do peixe e das pescarias. Comunidades que se dedicam à pesca artesanal tendem a se inserir em áreas ribeirinhas, cujas moradias enfileiram-se de frente ao rio. A produção social do lugar atravessa o fluir das águas que se revela na observação constante das cheias e das vazantes, do tempo de calor e de frio, das chuvas e da insolação, das fases da Lua, das galhadas que se oferecem para o descanso e berçário de alevinos e espécimes juvenis; as migrações e outros vão delimitando épocas propícias as pescarias; as espécies a que se pode extrair nesse ou naquele momento; o tipo de técnica para ter-se êxito nessa extração; o horário de colocar malhas ou iscas à espreita; silêncios e sons para atrair ou distrair o peixe; tamanhos e quantidades a que se pode capturar para que, adiante, essas populações se recomponham e um novo ciclo de captura seja garantido.

Há milhares de famílias no país implicadas nesse modo de vida, às quais testemunham a interferência cada vez mais acentuada dos usos modernos nos mananciais dos quais dependem. Essa partilha não é apenas mal negociada - uma vez que o crescimento extensivo e intensivo da demanda urbana, industrial, hidrenergética e agrícola por água consegue impor-se numa relação assimétrica de poder frente aos usos tradicionais - mas denota uma pressão sobre o ecossistema aquático e sobre a dinâmica da ictiofauna silvestre que tem influência direta no modo de vida das comunidades tradicionais.

McGoodwin (1990) acredita que o manejo dos recursos naturais é, antes de tudo, uma questão social. Por essa razão, os problemas ditos ecológicos devem incorporar, aos modelos de gestão e planejamento, a dimensão dos conflitos entre direitos e interesses a fim de que as relações possam estabelecer patamares de compromisso e responsabilidade socioambiental.

Esse estudo apresenta, sinteticamente, os resultados de pesquisa sociológica que, numa abordagem qualitativa, tratou do caso da pesca artesanal empreendida pelas famílias da comunidade do Tanquã, localizada, como bairro rural, no município de Piracicaba/SP. Descrevem-se e analisam-se as seguintes dimensões do modo de vida da pesca ali em curso, a saber: **(1)** a caracterização das técnicas de pesca; **(2)** as representações sociais dos pescadores sobre o ecossistema no qual atuam; e **(3)** aspectos da singularidade cultural da vida comunitária. Tais dimensões se reportam tanto às características identitárias singular do grupo, às quais lutam por manter, quanto os enfrentamentos que exigem ajustamentos à mesma lógica moderna que tem promovido a anulação do modo de vida socialmente válido.

Área de Estudo

A bacia hidrográfica do rio Piracicaba, onde está circunscrita a comunidade do Tanquã, é uma das regiões mais expressivamente impactadas pelo processo de interiorização paulista. Seja pelo crescimento populacional, quanto da indústria, da mineração, da agricultura e barramentos, suas águas encontram-se em estágio avançado de degradação com desdobramentos negativos sobre os estoques pesqueiros, impedindo a pesca artesanal ali inserida de recriar suas modalidades de reprodução material, social e simbólica.

A comunidade do Tanquã localiza-se na micro bacia do rio Piracicaba que, por sua vez, se insere na bacia hidrográfica dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiá (FIGURA 1).

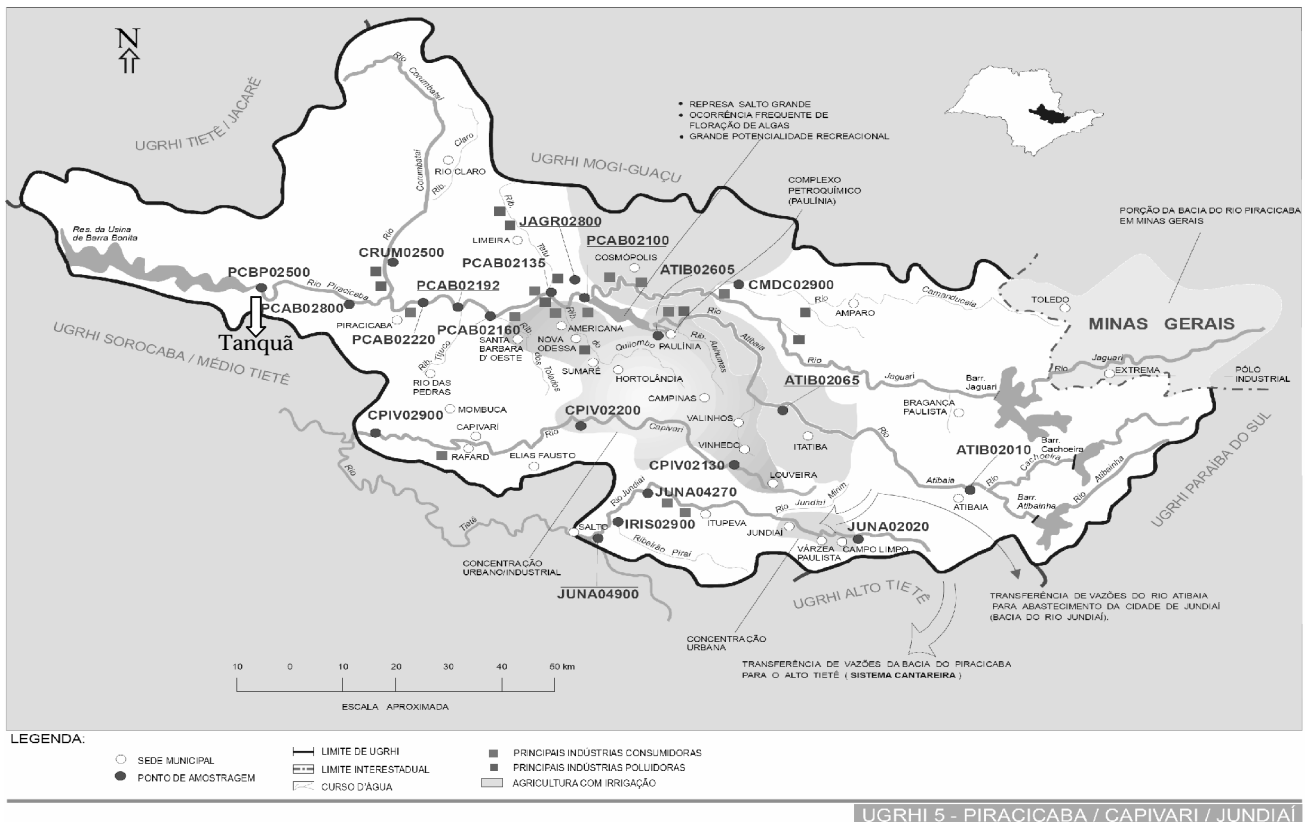


FIGURA 1: Localização da comunidade do Tanquã (SP) nas Bacias dos Rios Piracicaba Capivari e Jundiá. Fonte: CETESB, 2006.

As bacias hidrográficas dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiá abrangem uma área de 15.304 km², sendo 92,6% de sua extensão localizada no Estado de São Paulo e 7,4% no Estado de Minas Gerais. No Estado de São Paulo, as bacias PCJ estendem-se por 14.178 Km², sendo 11.443 Km² correspondentes à bacia do rio Piracicaba, 1.621 Km² à bacia do rio Capivari e 1.114 Km² à bacia do rio Jundiá. No Estado de Minas Gerais, a área das Bacias PCJ corresponde, principalmente, a parcelas das bacias dos rios Jaguari e Atibaia, formadores do rio Piracicaba (CBH-PCJ, 2004).

Nas proximidades do rio Piracicaba, a vegetação local natural remanescente é constituída por pequenos capões de mata natural e capoeira (IPT, 1989). Seu entorno é caracterizado pelo predomínio do cultivo de cana-de-açúcar, de eucalipto, de laranja e áreas de pastagem (PETESSE, 2006). No leito do rio, é presente um porto de areia.

O rio Piracicaba possui diversos meandros, propícios à reprodução de algumas espécies de peixes, que dependem desses locais para se procriarem. Porém, os barramentos que se sucedem no curso do rio Piracicaba, interferem na estrutura da ictiofauna, interrompendo as rotas migratórias, levando ao desaparecimento de espécies e à diminuição dos estoques pesqueiros (FERREIRA e CARAMASCHI, 2005) além de terem provocado processos de peixamento¹ com compensação da perda de espécies migratórias de grande porte por outras sedentárias de pequeno porte (AGOSTINHO et al., 1994). Quatro espécies de peixes foram introduzidas pela CESP, no represamento de Barra Bonita, na década de 1970: *Triporthus a. angulatus* (sardinha, espécie alóctone da Bacia do Paraná), *Plagioscion squamosissimus* e *Cichla ocellaris* (corvina e tucunaré, ambos da Bacia Amazônica), *Astronotus ocellatus* (apaiari ou oscar) e *Oreochromis hornorum* (tilápia, espécie exótica, oriunda da África). No levantamento de Petesse (2006) sobre a ecologia das comunidades de peixes no represamento de Barra Bonita foi identificado 35 espécies de peixes em 24 locais de pescarias, capturados através de redes de emalhar e covos. Dentre eles, quatro eram espécies alóctones: *Satanoperca jurupari* (jurupari) e *Plagioscion squamosissimus* (corvina), ambos da Bacia Amazônica; *Metynnis maculatus* (pacu) e *Liposarcus anisitsi* (cascudo), oriundos de outras Bacias e uma espécie exótica da África *Oreochromis niloticus* (tilápia).

Embora a estratégia de peixamento indique a preocupação em configurar uma conciliação entre interesses altamente capitalizados e a manutenção de uma aparente qualidade ambiental o espaço social piracicabano enredou-se no favorecimento às ocupações industriais, principalmente de Papel e celulose, alimentícia, sucro-alcooleiro, têxteis, curtumes, metalúrgicas, químicas e refinaria de petróleo (CETESB, 2001). Isso levou a pesca profissional de base artesanal a vivenciar dificuldades que, dentre outras, revela-se pelo crescente desaparecimento das espécies em torno das quais significações do valor do trabalho, técnicas, festividades e outros, foram construídos.

A CETESB instalou postos de coleta de água para análises laboratoriais, entre outras localidades, ao longo do rio Piracicaba, visando calcular, a partir de metodologia própria, o índice de qualidade de água bruta para fins de abastecimento público (IAP) estabelecendo se as águas estão apropriadas ou se precisam de tratamento para o consumo. Dos seis pontos de coleta do rio Piracicaba, dois deles apresentam, em informações recentes, durante os meses de março, julho, setembro e novembro, um baixo índice de qualidade da água para fins de abastecimento público. Porém, o monitoramento das águas pela CETESB, através de outro índice desenvolvido pela instituição, o índice de Qualidade de Água para a Proteção da Vida Aquática (IVA) -, que objetiva avaliar a qualidade da água para fins de proteção da fauna e flora aquática, levando em consideração a presença e concentração de contaminantes químicos tóxicos, seu efeito sobre os

¹ O peixamento em si, consta de uma série de atividades que vai desde a coleta do organismo até sua introdução na água (FAO, 1988).

organismos aquáticos (toxicidade) e dois dos parâmetros considerados essenciais para a biota (pH e o oxigênio dissolvido) – denota que a qualidade das águas tem oscilado entre ruim e péssimo, o que tem repercussões sobre a reprodução dos estoques pesqueiros (CETESB, 2008).

A comunidade Tanquã foi constituída no início da década de 1960 como uma ocupação informal nas novas margens do rio Piracicaba sob concessão da CESP. Situa-se na latitude 23° 31'S e longitude 48° 32'W. É alcançada por via terrestre através da estrada (SP - 147) que liga o município de Piracicaba à Anhembi, à altura do km 55,50. O bairro é pertencente ao município de Piracicaba, embora a maior parte de seus moradores mantenha vínculos no município de Anhembi e no povoado de Ibitiruna (Piracicaba). Da entrada da estrada acima até o bairro, são mais 5,5 km de via não pavimentada (terra). A comunidade é, assim, constituída em relativo isolamento em relação aos núcleos mais dinâmicos da região, e compõe-se de dezenas de moradias próximas ao rio Piracicaba.

Na localidade, é possível identificar aproximadamente 50 domicílios dos quais cerca de 50% são chefiadas atualmente por pescadores artesanais ali residindo com suas respectivas famílias numa trajetória extensa e significativa nesta ocupação. A outra metade das residências caracteriza-se como casas de veraneio, utilizadas para lazer de famílias nas quais a pesca esporádica, de lazer, é praticada.

A Dinâmica Urbano-Industrial da Bacia do Piracicaba e Repercussões sobre a Qualidade da Água

Da década de 1930 a meados de 1950 o estado de São Paulo obteve destaque na região Centro-Sul devido à celeridade na industrialização, adensando os investimentos nesse setor e de bens de capital e consumo durável, além de consolidar a indústria de bens de consumo assalariado. Em meados de 1950, a expansão do processo de industrialização regional deparou-se com limitações na oferta energética e o investimento em hidrelétricas veio em resposta a este estrangulamento (MENDONÇA, 2000).

A Usina Hidrelétrica de Barra Bonita foi implantada no início da década de 1960 no bojo de uma perspectiva de crescimento industrial a todo custo donde resultou o alastramento de um estilo de vida moderno e a tendência de urbanização dos municípios interioranos. Três fatores associados (modernização agrícola, industrial e construção da barragem) contribuíram para que a população total da área sob influência do reservatório de Barra Bonita passasse de 200 mil habitantes, em 1950, para 500 mil habitantes em 1990.

Tais obras produziram impactos ambientais negativos, especialmente sobre a ictiofauna. Estes dizem respeito à redução dos estoques das populações de peixes de espécies autóctones de piracema, com importância comercial, como o pintado (*Pseudoplatystoma corruscans*), o dourado (*Salminus maxillosus*) e o pacu (*Piaractus mesopotamicus*), decorrente da redução das áreas de reprodução, do desmatamento ciliar e do bloqueio das migrações tróficas e reprodutivas. Com a

redução dos estoques de peixes de interesse comercial, passaram a ficar disponíveis à pesca espécies de águas lânticas, ou em processo de adaptação aos novos ambientes, que conseguiram adotar uma estratégia reprodutiva adequada, sendo, porém, de menor importância comercial (CESP, 1993).

Embora um reservatório possa ser entendido como um híbrido de rio e lago com elevada taxa de renovação e com efeito de transporte semelhante ao de água corrente (CALIJURI, 1988), ele constitui em um ambiente artificialmente construído e, portanto, uma variável imputada à dinâmica ecossistêmica local que altera irreversivelmente o meio físico e biótico. Para TUNDISI (1992), os processos de sedimentação, salinização e de comprometimento da ictiofauna são exemplos mais comuns de degradação ambiental provocada por projetos dessa dimensão. Tais processos modificam as características químicas, físicas e biológicas do rio (TUNDISI & MATSUMURA-TUNDISI, 1990).

O crescimento econômico e populacional da região das bacias PCJ não foi seguido por uma equivalente expansão dos serviços urbanos, verificado pelo crescente lançamento de esgotos nos corpos d'água sem tratamento adequado. Apesar de 84% dos esgotos serem coletados, apenas 19% são tratados (CETESB, 2006). A maior fonte de consumo do recurso é captação para o setor de saneamento (42,0% do total), seguido pelo setor industrial (35,2%) e o setor de irrigação (22,1%). A sub-bacia do rio Piracicaba tem a maior vazão captada para o uso industrial (4, 355 m³/s) (CBH-PCJ, 2004). Dos principais usuários de água na Bacia do PCJ, destacam-se indústrias químicas, usinas de açúcar e álcool, indústria têxtil e indústria de papel e celulose.

Quadro 1 - Maiores usuários em captação de água nas bacias PCJ:

USUÁRIO	DEMANDA (m ³ /s)	CURSO D'ÁGUA
RHODIA do Brasil	2,35	Rio Atibaia
Ripasa S/A Celulose e Papel	1	Rio Piracicaba
Usina Santa Helena S/A Açúcar e Álcool	0,5	Rio Piracicamirim e C. Joaquim Bento
VOTORANTIM Celulose e Papel S/A	0,46	Rio Piracicaba
VICUNHA S/A	0,32	Rio Piracicaba
Butilamil Ind. Reunidas	0,29	Rio Corumbataí
COSAN S/A Indústria e Comércio	0,19	Rio Corumbataí

Fonte: Cadastro DAEE, 2002/2003.

A captação de água, contudo, não corresponde à preocupação com tratamento dos efluentes. Conforme demonstra o quadro abaixo (Quadro 2 - Cinco das treze indústrias inseridas na Bacia do PCJ que não tratam seus efluentes), as usinas de açúcar e álcool, indústria de papel e celulose, indústria têxtil e outras não estão comprometidos com tratamento, resultando em aumento substancial da demanda bioquímica por oxigênio e sujeitando o ecossistema aquático a eutrofização e a hipereutrofização, esta última, relacionada diretamente à mortandade em massa de peixes.

SUB-BACIA	ESTAB. INDUSTRIAL	EFIC. TRAT. (%)	CARGA (tDBO/ano) TOTAL
Piracicaba	Cia União dos Refinados de Açúcar e Café	0	2.640
Piracicaba	Ind. Papel Danruj S/A	0	141.3

Piracicaba	TASA - Tinturaria Americana	0	115.3
Piracicaba	Tecelagem Jacyra	0	117.5
Piracicaba	S.A Têxtil Nova Odessa	0	138

Fonte: CBH/PCJ 2004.

A atual situação do nível trófico no rio Piracicaba é preocupante uma vez que a presença de florações de algas é notória em seu percurso, havendo épocas em que se desenvolve de forma intensa, como no início da primavera, onde o aumento da temperatura da água e maior disponibilidade de nutrientes cria condições favoráveis de penetração de luz na água, e desenvolvimento dessa flora em ambiente lacustre.

Na atividade rural, as culturas de cana-de-açúcar, citricultura e hortifrutigranjeiro são os principais consumidores de água na sub-bacia do Piracicaba. A vazão registrada para a irrigação (0,79 m³/s ou 49,65%) desta micro bacia é a maior para esta finalidade em toda Bacia do PCJ, seguidas pelas sub-bacias dos rios Jaguari (0,451 m³/s ou 28,41%), Camanducaia (0,135 m³/s ou 8,51%) e Atibaia (0,132 m³/s ou 8,31%) (CBH-PCJ, 2004).

As populações ribeirinhas, nesse contexto socioambiental, estão diretamente expostas à deterioração do ambiente aquático em especial, os pescadores artesanais. Seu lugar de trabalho ficou suscetível ao conviver com a deterioração ambiental oriunda de um padrão de desenvolvimento cujo uso instrumental da água desconsiderou o compromisso com a renovabilidade do recurso e sua função de suporte à vida.

MATERIAIS E MÉTODOS - O MODO DE VIDA DA PESCA ARTESANAL

Para dar início a descrição do modo de vida e de trabalho da Comunidade Pesqueira do Tanquã (Piracicaba) fez-se necessário iniciar a aproximação assistemática, na qual busquei não estabelecer posição de entrevistadora, mas sim de observadora ao alento local. Já no segundo momento da metodologia utilizada, abordei, por meio de um questionário semi-estruturado, questões do modo de vida pesqueiro, tais como os hábitos alimentares, a reprodução do trabalho feminino, as regras de uso e as crenças religiosas.

O trabalho sistemático de observação direta e entrevistas iniciou-se em setembro de 2007 e estendeu-se até abril de 2008. A chegada bem cedo na comunidade possibilitou presenciar os pescadores saindo da casa para o rio e observar a rotina pesqueira, de arrumar as tralhas, de preparar o lanche, de verificar as embarcações, de realizar, enfim, as atividades prévias que envolvem o trabalho de captura. Aqueles inúmeros afazeres mostraram a complexidade do trabalho de pesca e a importância da observação direta como um instrumento investigativo, isto é, para compor a descrição das práticas do sujeito cujo modo de vida se quer destrinchar. *“Aqui o olho defronta constantemente limites, lacunas, divisões e alteridade... não deriva sobre uma superfície plana, mas escava, fixa e fura, mirando as frestas deste mundo instável e deslizante que instiga e provoca a cada instante sua empresa e interrogação...”* (CARDOSO, 1995:349).

O roteiro semi-estruturado de entrevista teve o objetivo de abordar três aspectos complementares, a saber: 1) a sociabilidade comunitária, através das crenças e práticas religiosas, lendas, hábitos alimentares e outros em torno da pesca; 2) as técnicas em torno da pesca, envolvendo desde o fabrico à utilização dos meios de produção (petrechos de pesca, embarcações, etc.) às técnicas corporais consoantes com cada tipo de pescaria, e 3) *as coisas do peixe* desde a perspectiva dos pescadores. No entanto, procurei não seguir somente o roteiro criado para abordar os pescadores. Através do que Posey (1987) chamou de metodologia “*geradora de dados*,” dei liberdade para, sempre que possível, registrar os traços relevantes da história de vida dos pescadores entrevistados que, se revelam para além da subjetividade do informante; isto é, delineiam uma trajetória comum de desafios e dificuldades.

Tal abordagem auxiliou a indagação acerca do significado de cada uma das práticas realizadas como hábitos: a forma de arrumar à rede, o horário para sair à captura, as estratégias para comercializar o pescado, o papel do ajudante de pesca, a eficiência das embarcações e os petrechos utilizados. Conforme descreve Zaluar (1986), buscou-se, na interatividade com as pessoas e entre elas, observar o dia-a-dia da comunidade. Aos poucos, a fase de estranhamento, descrito por Mintz (1984), desaparece e se estabelecem relações mais próximas, que, por sua vez, resultou no maior interesse dos informantes em participar da pesquisa. Brandão (1984) afirma que a realização desses diálogos representa “*portas abertas*” para as questões mais incisivas que a comunidade deseja que se conheça a seu respeito.

Na escolha dos informantes, dei, inicialmente, preferência aos pescadores que tinham maior tempo de pesca, ou seja, os pescadores mais experientes. As histórias relatadas por esse grupo de velhos pescadores reportam as emoções vividas nas pescarias do passado e contidas na memória, como afirma Bosi (2001:82-90):

“Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda (...) “A memória é a faculdade épica por excelência.”

A memória que emerge no relato mescla o lembrar das situações e das experiências individuais e coletivas: “*A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidencia dos fatos coletivos*” (THOMPSON, 1998:17). Desta forma, buscou-se por meio da evidencia dos relatos e fatos, descrever o modo de vida da comunidade pesqueira do Tanquã, os quais estão sujeitos as adversidades ao manejo praticado na Bacia do Rio Piracicaba.

RESULTADOS – A CENTRALIDADE DO TRABALHO DE PESCA NA VIDA SOCIAL

Entende-se por pesca artesanal a dependência elevada do conhecimento tradicional para balizar as práticas extrativas de peixes silvestres de diversos ecossistemas aquáticos: rios, lagos, oceanos. Além disso, é possível acrescentar que, a pesca artesanal, quando associada a uma

vida ribeirinha, estabelece profunda interação da comunidade com e a biota, assegurando uma validação persistente do conhecimento empírico e das tradições para que as estratégias estejam coadunadas com a dinâmica ecossistêmica (FREITAS et al., 2002).

Para Diegues (1998) o processo de construção da identidade social do pescador profissional artesanal ocorre, em primeiro lugar, pela alteridade e pelas formas como reconhecem seu semelhante; em segundo lugar, pelos rituais de reafirmação dos significados e sentidos partilhados por seu coletivo; e, em terceiro lugar, pela afirmação do sentido de pertencimento ao lugar. Valencio afirma que:

“(...) a identidade repousa na afirmação da sua territorialidade, do seu direito de estar no lugar e dele retirar seu provimento, de entender que sua sobrevivência reside na fruição multidimensional daquele lugar. O conjunto de práticas sociais relacionadas ao trabalho está geograficamente referido, isto é, as referências territoriais da pesca compreendem tanto as particularidades ambientais de dado trecho do rio onde se quer atuar quanto os tipos de acordo que se faz para exploração coletiva do mesmo” (VALENCIO, 2007: 30).

A escala de produção, pequena, assim como a destinação do peixe – em parte para a subsistência, em parte para o comércio, em regime de economia familiar - também são elementos definidores da pesca profissional artesanal (DIEGUES, 2002). Em pesca, o termo subsistência pode ser empregado para caracterizar o uso tradicional e cotidiano dos recursos pesqueiros por formações sociais dependentes dos recursos, incluindo os grupos familiares, pequenas vilas, subestrutura étnica e outras estruturas sociais de pequeno porte. A dependência inclui sobrevivência física, manutenção de culturas tradicionais e a própria persistência das estruturas sociais (MUTH, 1996). O aprendizado da profissão depende do estabelecimento de vínculos pessoais com os membros mais velhos, em que, então, os saberes da pesca – na forma de uma leitura mítica e ambiental do ecossistema, de ensino das técnicas de fabrico dos meios de produção e exercício das habilidades corporais são transmitidos (VALENCIO, 2007). Enfim, constituem um modo de vida particular (DIEGUES, 2002: 45).

Além das disputas pelo recurso pesqueiro em si, existem múltiplos fatores que contribuem na minimização da capacidade de reprodução e sobrevivência dos peixes e que, por conseguinte, comprometem a capacidade da reprodução social pesqueira, os quais estão diretamente relacionados com as disputas pela água doce e descuido no seu manuseio.

“As principais ameaças à atividade pesqueira no Brasil são: (...) a erosão dos rios; (...) a entrada de mercúrio na cadeia alimentar contaminando os peixes carnívoros; (...) o desmatamento da margem dos rios; a poluição por esgotos domésticos e industriais e pelo uso inadequado de pesticidas na agricultura; a construção de represas, aterros e drenagem da várzea dos rios, entre outras.” (PETRERE, 1995: 33).

A Pesca Artesanal no centro da vida comunitária do Tanquã

Na comunidade do Tanquã é possível quantificar o número de 54 casas. Aquelas em que residem pescadores somam-se na quantia de 21 casas. As casas restantes são ranchos existentes com finalidade de prover um abrigo aos finais de semana e feriados aos proprietários.

A comunidade foi constituída no início de 1960, os pioneiros sendo da família Santos, através do casal Sr. Zito e Sra. Matilde, naturais de Rio das Pedras e Piracicaba, respectivamente. A ocupação foi devida a construção da Barragem, o qual atraiu muitas pessoas em busca do acesso a riqueza por meio das técnicas pesqueiras. As famílias mais velhas que ali vivem são extensas e, as mais jovens, famílias do tipo nuclear. São os homens que constituem a chefia da família, mas há o hábito do mesmo envolver os vários membros na atividade, sendo a esposa a que mais regularmente participa, seguido pelos filhos e agregados.

As famílias originárias constituíram relações de parentescos uma vez que houve novos matrimônios oriundos da proximidade entre domicílios, fossem eles entre pescadores ou com rancheiros.

A tradição pesqueira no Tanquã é evidenciada por várias práticas de trabalho procedentes do associativismo familiar: na colaboração para a arrumação dos petrechos de pesca, ora direcionados a captura de uma espécie alvo (monoespecíficos: coifo, anzol, tarrafa) ora direcionados a captura de diversas espécies de peixe (multiespecífico: rede de espera); no ajustamento a rotina da casa ao horário de pesca, pondo o café, arrumando marmita, o almoço ou a janta, enfim, adequando as tarefas outras à expectativa da presença ou justificativa da ausência dos membros ao comportamento dos cardumes (de hábitos diurnos ou noturnos); dentre outros. Neste sentido, é certo afirmar que as comunidades acompanham os padrões oferecidos pelo ambiente natural e pelo ambiente antropizado (LEONEL, 1998). À medida que as gerações se formam, novos valores e novos costumes são incorporados ao modo de vida, na qual a persistência de alguns permite delimitar os traços particulares de cada categoria.

No entanto, a tradição local que suscitava que os filhos fossem pescadores como os pais, é uma realidade que está sendo descartada como aspiração dos pais para o futuro de sua prole.

“Não quero que meu filho seja pescador do rio, pois eu sei como tem sido difícil manter a família através desse modo de vida. Quero que meu filho estude e arrume um emprego qualificado na cidade. O rio Piracicaba não dará mais peixes daqui cinco anos, a velocidade com que tem sido poluído fará com que daqui muito pouco tempo não existam mais peixes para pescar.” (Carlinhos, pescador do Tanquã).

Os relatos correntes em torno da escassez do peixe é um dos fatores que desestimula os pais a desejarem que seus filhos sigam na ocupação. E também, fica evidente que os relatos dos pescadores com maior tempo de experiência reconhecem a atual situação do rio em termos de disponibilidade do recurso: *“Nossa mãe! Aqui era bão de pescar, a turma pegava 150 quilos de peixe num dia de pescaria. Hoje se pegar 10 quilos é muito... Isso eu to falando de cinco (5) anos*

atrás, de lá pra cá só piorou...” (Dona Sebastiana, moradora e pescadora da comunidade Tanquã há 53 anos);

O relato de Sr. Zito (pescador, 78 anos) nos permite afirmar que a poluição difusa oriunda da agroindústria canavieira pode afetar os estoques pesqueiros, uma vez que a carga desse dejetos depositado *in natura* no rio Piracicaba configura-se no fator determinante da interrupção dos ciclos naturais de procriação da ictiofauna silvestre. *“Aqui no rio, duas vezes por ano, desce uma quantidade absurda de peixes mortos... Ano passado foi à última vez que vi um filhote de pintado morto no meio daquela bicharada toda fedida. (...) Além do cheiro de peixe morto, os peixes tinham um cheiro forte, parecido com o cheiro do vinhoto...”* (Sr. Zito, pescador artesanal do Tanquã desde 1961, set-2007).

Essa compreensão é endossada na literatura, como em Diegues: *“A monocultura que mais tem atingido as áreas úmidas (banhados, rios e estuários) é a cana-de-açúcar, para a produção do álcool combustível. Rios e várzeas do Sul (Rio Piracicaba – SP) têm sido intensamente atingidos pelo vinhoto, subproduto da destilaria do álcool.* (DIEGUES, 2002) : 24-25”.

Assim, o trabalho da pesca se torna vulnerável e sujeito à heteronomia na medida em que o lugar de sua realização passa a ser ambientalmente definido e regulado por um conjunto de lógicas e agentes que orbitam fora do controle do pescador.

As modificações de técnicas de captura acompanharam a deterioração do ambiente aquático. *“Quando viemos morar no Tanquã, minha mulher e eu, a gente só usava a tarrafa e o coifo. Era fácil ver o peixe na água e nas tocas e a pescaria era farta... Todo dia a gente voltava com um peixe grande para vender ou para comer... Era uma beleza. Hoje, a única coisa que pega aqui é a tilápia e só com a rede de espera”* (Sr. Zito, pescador do Tanquã desde 1964).

Na literatura, a rede de espera ou malhadeira corresponde *“ao petrecho de pesca que requer menor esforço no exercício de armar e verificar incessantemente a malhadeira, ainda que de tempo em tempo precisem averiguá-la, para evitar que espécies apanhadas não sejam comidas por peixes carnívoros”* (WITKOSKI, 2007: 313). Neste sentido, é certo afirmar que as modificações das artes de pesca, além de redesenhar os itens de subsistência e de mercado de que dispõe, modificam também as formas físicas do pescador artesanal, suas técnicas corporais. E, por conseguinte, o ato de aprendizagem dos novos pescadores frente às práticas que observam. Essa memória visual vai configurando a perda dos saberes relacionados ao ambiente que se modificou para pior.

A diminuição da malha de rede, dentro dos parâmetros legais atuais (14 cm), é um dos problemas que levam à que as novas técnicas incorporadas apresentem limitações, já que os cardumes ora focalizados não apresentam espécimes robustos.

Tanto quanto um arcabouço legal que define técnicas novas e, ainda assim, limitantes, é o conflito dos pescadores locais com os ‘vindos de fora’, denominados de clandestinos.

De 85 a 90% dos pescadores do Tanquã são profissionais, tendo permissão de pesca e o certificado de registro no RGP (Registro Geral de Pesca) concedidos pela Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República – SEAP através da Colônia de pesca Z-20, intitulada “Charles de Souza”, situada no município de Barra Bonita/SP. Uma motivação para o cadastramento é o recebimento do salário-defeso na época da piracema. Mas, o recorrente atrasa no pagamento do valor da remuneração (um salário mínimo), o que obriga muitos chefes de família ao trabalho temporário em monoculturas da região, como na colheita de citrus, no corte de cana e, na área urbana, na construção civil.

Mas, os que não têm o registro não são vistos como clandestinos porque atuam dentro das regras estabelecidas pelo grupo, como o respeito aos pontos de pesca.

Já os pescadores clandestinos, os ‘vindos de fora’ – geralmente, jovens, desempregados, vindos de centros urbanos - não se interessam em saber e atuar dentro das regras supra e praticam pescas predatórias, como a pesca de batção. Esta pesca dá-se batendo “*com paus na água, para espantar e empurrar os peixes nas direções do petrecho de pesca*” (WITKOSKI, 2007: 304) e não respeita nenhum critério de preservação.

Alguns pescadores do Tanquã minimizam a existência de conflito em vista de uma solidariedade em relação às necessidades alheias, mas sabem que isso indica um problema coletivo num futuro próximo. Outros pescadores do Tanquã, no entanto, não concordam com a presença dos pescadores clandestinos e relatam a insatisfação com a atual situação não apenas como uma questão em torno do trabalho, mas da segurança:

“Aqui no Tanquã, principalmente lá no represamento da Fazenda Maria Helena, todo ano vem uma baianada pra cá que acaba com os peixes do rio. Baianada porque eles são da Bahia e não tem laço nenhum com o lugar aqui... Eles vêm quando a pesca está permitida e voltam pra lá quando a pesca fecha... O pior é que eles vendem todos os peixes para os peixeiros de Santa Maria da Serra, que é quem os traz de lá da Bahia... Fica até complicado ir pescar pra lá, perigo de levar tiro, porque alguns andam armados...” (Rose, pescadora do Tanquã desde 1978).

Tal como as técnicas, as embarcações também configuram modificações exigidas pelas condições ambientais do rio. O pescador se vê exigido a ir cada vez mais longe da área ribeira da comunidade, procurando novos pontos de pesca onde a propulsão a remo se torna exaustiva. Canoas estão sendo aceleradamente substituídas por embarcações de alumínio ou fibra com pequenos motores (15 a 25 HP), acrescentando ao trabalho o custo de aquisição desses meios de produção (barco, motor) e insumos (gasolina, óleo), sem que isso implique em relações de comercialização na qual o preço e a renda do pescador compensem esse processo de modernização do trabalho, o que é objeto de pesquisa de Pereira (2007 no prelo), aluna do

programa de Pós Graduação da Ciências da Engenharia Ambiental, da Escola de Engenharia de São Carlos – Universidade de São Paulo (EESC-USP).

No Tanquã, os pescadores artesanais construíram, ao longo de gerações, um conhecimento complexo acerca da qualidade ambiental, englobando, dentre outros, a interpretação da qualidade das águas do rio para aferir sua impropriedade para a pesca e para o banho através da viscosidade e o odor. Vêem na presença da mata ciliar uma contribuição para o aumento na disponibilidade de peixe em vista do sombreamento da água que atrai determinadas espécies de peixes, como, por exemplo, o pintado, o dourado e o jaú.

Hábitos alimentares

“Seria difícil pensar em outro aspecto da vida humana mais profundamente conectado com a sobrevivência básica e, ao mesmo tempo, com elementos social e simbolicamente construídos do que a alimentação” diz MURRIETA (2001: 1).

Os hábitos alimentares dos pescadores do Tanquã baseiam-se no consumo de peixes, no qual a tilápia aparece como uma das espécies recorrente nas principais refeições, o almoço e o jantar, acompanhada de farinha de mandioca. O arroz, o macarrão e afins vão compondo itens secundários do repertório alimentar local. Para os mais velhos do lugar, o jaú e o pintado são os peixes de maior apreciação, mas lamentam pelo fato de sua rara obtenção na captura, não logrando êxito desde 2003.

Gabriele, ao remeter à captura de um pintado em meados de dezembro de 2001, afirmou que o feito não merecia terminar em realização de venda, mas em refeição da família: *“Quando pegamos um peixe grande e de espécie que não se encontra mais por aqui, agente come ao invés de vender. Junta a família do Adilson (meu marido) e a minha pra vim comer o peixão assado... É uma festa só, já que um peixe dessa espécie é, hoje em dia, difícil de encontrar aqui”* (Relato de Gabriele, mulher do pescador Adilson, residentes do Tanquã desde 1994).

As refeições matinais são normalmente compostas de uma xícara de café consideravelmente açucarado, acompanhada às vezes por bolachas de água e sal ou torradas joelhinho (feitas de pão francês). Esta combinação de itens calóricos e cafeína compõem a dieta de trabalhadores manuais com extensas jornadas de trabalho. Esta poderosa combinação dietética resolveu vários problemas concretos da reprodução da estrutura do trabalho industrial no século XIX e XX, assim como viabilizou a economia monocultora das colônias (MINTZ, 1979; 1985; SCHVELBUSH, 1992). Tal importância pode ser explicada em parte pelo efeito estimulante da cafeína, somado a uma temporária perda de apetite, que combinados a uma dose de pura caloria concentrada de açúcar possibilitam que os trabalhadores encarem longas horas de trabalho sem muita ou nenhuma alimentação (SCHVELBUSH, 1992). Alguns pescadores levam sempre consigo um lanche já pronto na embarcação para consumirem durante a pescaria.

O preparo do peixe é preferencialmente empanado e frito. Mas, os mais velhos, como Dona Sebastiana, Sr. Mineiro e Sr. Zito, tem preferência noutro preparo: numa panela de água fervente, com alho e cebola, adicionam-se os legumes de preferência, como pimentões, cenouras, tomates e batatas. Durante a fervura dos vegetais na panela, prepara-se ao forno o peixe, até ficar dourado. Retira-se o peixe e o desfia para colocar na panela, no fogo baixo, mexendo até levantar fervura novamente. É chamado por eles de ensopado de peixe. Finalizam comentando que as espécies como piranhas dão mais sabor ao ensopado. Mas, há os que encaram o consumo de piranha com certa repulsa devido ao fato de ela se alimentar de carne de animais vivos e mortos. Por outro lado, o sabor "forte" e a carne "sangrenta" da piranha qualificam-na como um alimento com "muitas vitaminas" (MURRIETA, 1998; MAUÉS & MOTTA-MAUÉS, 1978).

Já a família de Dona Matilde e Sr. Pereira dão preferência ao preparo do peixe no fogão à lenha, também cozido com a adição de legumes como batatas, mandiocas (já cozidas), cenouras, cebolas e alho. Esse é o prato típico do estabelecimento que o casal mantém na comunidade para servir aos turistas e rancheiros aos finais de semana.

Rosana é a chefe de família que prepara o peixe para refeição familiar com esmero, mas afirma não gostar de comer peixe e que, se pudesse, comeria carne vermelha todos os dias, pois considera mais saborosa, o que é também o que os mais jovens da comunidade apreciam. A preferência do marido permanece o peixe, sendo a espécie mais apreciada a tilápia, uma espécie não endêmica.

Embora o filé represente as partes mais carnudas e densas dos peixes, com menos espinhas (GIUGLIANO et al., 1978), as refeições cotidianas das famílias do Tanquã não deixam de lado as demais partes do peixe, deixando apenas as espinhas maiores, partes do crânio e cauda e alguns poucos pedaços de pele dos peixes de couro. A cabeça do peixe é partida e a gordura e carnes internas são consumidas avidamente, as membranas em torno dos olhos são chupadas, indicando um aproveitamento quase completo do animal.

Os hábitos alimentares denotam a imbricação entre a atividade de trabalho como geração de excedente e a subsistência. Mais que isso, um arcabouço cultural contido nas receitas do preparo nos peixes e no significado da pesca mais ansiada e escassa. Contudo, a perceptível mudança de hábitos dos mais jovens, desvinculando preferência alimentar do trabalho direto indica um aspecto de dissolução desse modo de vida.

O Recorte de Gênero no Trabalho da Pesca: Caracterização da Rotina Feminina

O trabalho feminino materializa variadas formas de atividade no âmbito privado e público. No âmbito privado, cuida dos afazeres domésticos, como educar os filhos, limpar e arrumar a casa, a feitura das refeições diárias, dentre outros. No âmbito público, participa de vários aspectos da prática da pesca em conjunto com seu marido.

O trabalho masculino, no geral é visto como o mais braçal, no qual exige força física, como a retirada da rede armada e disposição da embarcação dentro do rio. Já o trabalho feminino consolida nos cuidados necessários para a captura, como tirar os peixes emalhados na rede e proceder à evisceração (por vezes no próprio barco). Uma situação curiosa é que, quando o marido não pode estar presente na pescaria, a mulher realiza todas as atividades, inclusive as acima referidas. Os homens são responsáveis por armar a rede de pesca e conduzir a embarcação, seja a remos, seja a motor.

O trabalho feminino é mais minucioso e, também, imprescindível. Enquanto o homem puxa a rede para o barco, ela é incumbida a catar os peixes na rede e dispô-los na caixa de gelo. A mulher seleciona os peixes que entraram na embarcação, cuja escolha segue critérios ambientalmente adequados, como os relatados por Gabriele, esposa de Adilson:

“Enquanto o Adilson puxa a rede do rio, eu cato os peixes e vou jogando fora os que estão pequenos demais ou ovados, claro, sem o Adilson ver... Ele não gosta muito, acha que eu fico devolvendo peixe demais pro rio... Mas quando a tilápia tá com os filhotes na boca ou o peixe tá pequeno demais, eu devolvo mesmo e ele, acaba que entende e acha graça de mim!” (Gabriele, pescadora profissional atuante na prática desde 1995).

Observando outro casal, Sr. Eduardo e Da. Nerivalda, vê-se ele responsável por retirar o pescado do barco, ela atenciosa para com os pertences pessoais e no auxílio ao companheiro, incumbida de recolher os petrechos de pesca, como a rede, os remos e os pertences pessoais que levam para pescaria e guardá-los após a jornada de trabalho.

Além dessas tarefas, as mulheres, na condição de chefes do lar, providenciam os cuidados pessoais do marido na ida ao trabalho, como arrumar o seu lanche e separar um casaco, para o caso de voltarem anoitecendo, compondo a função dupla: cuidados privados e responsabilidades públicas. A cumplicidade existente entre o casal elucida a união e a perpetuação, no sentido de companheirismo, da atividade de pesca.

Outra mulher pescadora atuante do rio Piracicaba, moradora da comunidade do Tanquã, é Dona Sebastiana de 74 anos, no exercício da pesca, naquele trecho, desde 1954, na companhia de seu marido, Seu Mineiro. Dona Sebastiana, apesar da idade não aparente, é uma pescadora devidamente cadastrada e, sua atividade diária é deslocar-se, com remo, aos locais de pesca escolhidos por ela. Já o Seu Mineiro adquiriu o motor de popa a fim de se deslocar-se a lugares mais longes, com finalidade de pescar maior quantidade de peixes. Quando Dona Sebastiana desloca-se para um local muito longe, Sr. Mineiro reboca-a de volta para casa. O peixe pescado por ambos são vendidos separadamente, ainda que morem juntos. Os dois têm doze (12) filhos, no qual oito (8) são pescadores e seis (6) moram e constituíram família no Tanquã. Maria, a filha mais nova, não pratica a pesca, mas ajuda tanto no beneficiamento (limpeza e corte em filés) quanto no comércio do pescado.

Andréia é, assim como Maria e outras mulheres, uma mulher que não exerce a pesca, mas auxilia o marido na limpeza do peixe bem como no comércio do pescado.

As mulheres pescadoras do Tanquã, além de participarem da pesca, são registradas devidamente na Colônia e podem compor a renda familiar com o exercício da pesca profissional e com o salário-defeso.

Regras de Uso

A partilha dos recursos hidróbios admite a divisão do indivisível, posto através do parcelamento das “águas” nos distintos territórios: *“A indivisão das águas se rompe mediante a territorialidade gerada pelos pescadores que expressam suas dinâmicas específicas nos espaços produtivos”* (MALDONADO, 1993:24).

No caso do Tanquã não é diferente. Há determinação dos pontos de pesca através de um arcabouço legal, cuja competência fiscalizadora é exercida pelo IBAMA. Referente aos aspectos das competências vinculadas, a fiscalização é feita também pela Autoridade Marinha e pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Decreto nº 4.810 de 19 de agosto de 2003, Art. 14). Define ainda, no Parágrafo único, que a fiscalização poderá ser exercida por órgãos estaduais e municipais, mediante convênio ou delegação de competência conferida pelos órgãos por ela.

Mas, há as regras de territorialidade estabelecidas pela comunidade, como a definida pelos pescadores do Tanquã no represamento da Maria Helena. Dista 15 km da comunidade, pouco antes do Represamento de Barra Bonita e da Ponte sobe o rio Tietê, sentido Botucatu. No entanto, pescadores clandestinos passaram a atuar nessa localidade, esvaziando de sentido as recomendações coletivas, tais como respeitar a rede armada por outro pescador, respeitar as preferências pessoais de cada pescador com relação ao ponto de pesca escolhido, dentre outros.

Crenças Religiosas

No Tanquã, embora haja uma capela modesta que conta com uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, acompanhada de São Jorge e Iemanjá, denotando um sincretismo religioso, a maioria da população residente da comunidade adotou denominações evangélicas dentro da religião cristã. Anualmente, a festa coordenada pela igreja evangélica no lugar, no dia das crianças (12 de outubro), torna-se um grande acontecimento na comunidade, atraindo pessoas de outras localidades, como Ibitiruna e Anhembi.

Os pescadores mais velhos, no entanto, impressionam-se apenas pela festa para a Nossa Senhora dos Navegantes, ocorrendo em fevereiro, na qual uma embarcação desce o rio Piracicaba carregando uma imagem da Santa dos pescadores junto a muitos pedidos e orações, enfeitados com flores e botões. Segundo Dona Sebastiana *“a festa é uma belezura só... sempre acompanhada de muitas flores e uma cantoria bonita que só ouvindo pra saber...”* (Dona

Sebastiana, ao recordar a descida da Santa no rio Piracicaba, setembro de 2007 - Tanquã). Os pescadores participam acompanhando, com suas respectivas embarcações, a embarcação que carrega a imagem da Santa no rio, cujo início dá-se na cidade de Piracicaba, após as corredeiras à frente do Engenho. Durante o percurso, são feitas orações e agradecimentos, seguidos de pedidos de fartura e prosperidade em suas vidas. Ao passar pelas comunidades ao longo do rio Piracicaba, os pescadores vão acompanhando a descida da imagem da Santa no rio até a Ponte do Rio Tietê, onde é finalizado com uma cerimônia religiosa.

Outra festa católica de prestígio junto aos pescadores e que também ocorre na comunidade, a cada dois anos, é a festa de São Pedro, celebrada no dia 29 de junho. É uma festa tradicional dos trabalhadores artesanais de todo o país.

Ainda que rituais parecidos, as duas procissões são distintas. São Pedro é o Santo responsável pela fartura das pescarias, no qual influencia na quantidade de chuva que será assimilada pelo rio. Já Nossa Senhora dos Navegantes os protegem dos males humanos, de doenças associadas à veiculação hídrica e a coisas mundanas que podem atingir jovens, como as drogas e bebidas alcoólicas, por exemplo. Essa diferenciação é interessante pelo fato de que, em junho, na seca do rio, clama-se por chuva, pela generosidade do Santo “agüeiro”. Enquanto que no mês de fevereiro, durante a estação das chuvas, é a época que termina a Piracema, no qual os pescadores profissionais poderão voltar e exercer a profissão, cuja necessidade implica na boa disposição física e mental para a fartura nas pescarias.

CONCLUSÃO

Conforme RECLUS (1985:38), “o homem é a natureza adquirindo consciência de si própria”, quanto maior o conhecimento do ecossistema e sua incorporação no fazer de um grupo social, adequando técnicas aos ritmos dos processos naturais, mais o mesmo está forjando-se para práticas sustentáveis. Lembra Morin (2001) que a natureza é um produto “*antroposocial, da qual nos damos conta através da cultura*”.

Com o intuito de compreender a importância da pesca artesanal, como um modo de vida numa comunidade ribeirinha do interior do Estado de São Paulo, evidenciaram-se as dinâmicas envolvidas na sua organização e na produção social do lugar, em terra e na água, não são endógenas. Sofre considerável interferência das práticas socioambientais macroenvolventes que resultam no comprometimento do ecossistema aquático. Assim, suas lógicas entrecrocaram-se e a comunidade, ao adaptar seu modo de vida aos requerimentos de um meio em intensa degradação, vai desfazendo-se de seu capital cultural.

A fim de explicitar tal processo, optou-se por uma contextualização socioambiental mais ampla, historicamente situada para, desde aí, numa microssociologia, compreender aspectos do *habitus* da pesca no Tanquã bem como a reprodução social da categoria, fundada no associativismo familiar, imbricando vida privada e pública deste núcleo social, reforçado por cuidados,

preferências alimentares, ritos e crenças, enfim, seu modo de vida. Afinal, como ensinam os pescadores, “*a pesca não é feita só de peixes, tem gente também!*”. Pretendeu-se, na captura do rotineiro, indicar o decisivo e o conflitivo.

Nesse processo, através da contextualização regional, foi possível descrever não só a origem da comunidade, mas também a origem dos conflitos significativos: a diminuição das espécies de peixes em função das mudanças nas características e qualidade das águas: de lótica para lântica; em intenso processo de poluição, desaparecendo espécies de maior valor econômico ficando o de menor interesse, ora disputadas com os pescadores clandestinos que passam a freqüentar o mesmo trecho partilhado por regras que os últimos desconsideram.

Essa realidade conflituosa em que se insere a pesca continental artesanal profissional realizada pela comunidade Tanquã, no entanto, não impede que os pescadores defendam seus direitos ao território das águas, concebendo uma utilização compartilhada dos recursos. A lógica comunitária permanecesse, embora a modernização de alguns dos pescadores locais torne assimetria à possibilidade de captura, vigorando o compartilhamento dos recursos escassos, que os vínculos familiares também obrigam.

O lugar é o espaço do vivido, como afirma Furlan (2001), e é por essa razão que os pescadores do Tanquã atribuem grande valor à constituição e permanência das famílias na vida ribeirinha, embora cientes das dificuldades. As relações de afetividade e de respeito entre vizinhos e colegas de ocupação embasam o desejo de que as águas do Piracicaba, um dia, melhorem e os pintados e jaús retornem.

Sabem que não é o sistema de manejo praticado por eles o fator impeditivo deste afã, mas o tipo de pressão que o padrão de desenvolvimento regional exerce sobre o ecossistema aquático. Espera-se que as novas institucionalidades comprometidas com arranjos institucionais consistentes no campo ambiental, como o Comitê de Bacia do PCJ, possa materializar essa aspiração antes que o conhecimento tradicional da pesca - que, por desilusão, não mais é transmitido às novas gerações da localidade - se perca em definitivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, A.; OKADA, J.; GREGORIS, J. Características económicas y sociales de las actividades pesqueras en el embalse de Itaipu, Brasil. In: SIMPOSIO REGIONAL SOBRE MANEJO DE LAS PESCA EM EMBALSES EM AMÉRICA LATINA. Havana, 1994 *Anais... (1)*, FAO, p.8.
- BOSI, E. Memória e Sociedade- lembranças de velhos. 9ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, p. 82-90, 2001.
- BRANDÃO, C.R. (Org) *A participação da pesquisa no trabalho popular*. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Repensando a Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, p. 223-252, 1984.
- CALIJURI, M. C. *Respostas fisiológicas da comunidade fitoplanctônica e fatores ecológicos em ecossistemas com diferentes estágios de eutrofização*. Tese de Doutorado apresentada a Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, p. 293, 1988.
- COMITE DE BACIAS HIDROGRÁFICAS DOS RIOS PIRACICABA, CAPIVARI E JUNDIAÍ. Relatório de Situação 2002/2003: dos recursos hídricos das Bacias Hidrográficas dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiaí – UGRHIS 5 – Relatório Técnico Final. Brasília: Agência

- Nacional das Águas, p. 504, 2004. Disponível em WWW.comitepcj.sp.gov.br/Relatorios-PCJ.htm#RS-02-03. Acesso em 12 de fevereiro de 2008.
- CARDOSO, S. *O olhar viajante (do etnólogo)*. In: NOVAES, A. (Org). *O olhar*. São Paulo: Cia das letras, p. 347- 360, 1995.
- COMPANHIA DE TECNOLOGIA DE SANEAMENTO AMBIENTAL (CETESB) Água, Relatório, p. 227: Relatório da Qualidade das Águas Interiores do Estado de São Paulo UGRHIS – Perfil Sanitário – Vazões e Volumes, 2001. Disponível em <http://www.cetesb.sp.gov.br/Aqua/rios/publicacoes.asp> acesso em 15 fevereiro de 2008.
- COMPANHIA DE TECNOLOGIA DE SANEAMENTO AMBIENTAL (CETESB) Água, Relatório, p. 327: Dados das Variáveis de Qualidade das Águas e Sedimentos (Anexo 1); Índice de qualidade das águas (Anexo 5) e Critério de avaliação da qualidade do sedimento (Anexo 6), 2006. Disponível em <http://www.cetesb.sp.gov.br/Aqua/rios/publicacoes.asp> acesso em 15 de fevereiro de 2008.
- COMPANHIA DE ENERGIA DE SÃO PAULO (CESP) Produção pesqueira e composição das capturas em reservatórios sob concessão da CESP nos rios Tietê, Paraná e Grande no período de 1986 a 1991. CESP; TORLONI C.C. et al. (Série Produção Pesqueira, 001), p. 73, 1993.
- DEPARTAMENTO DE ÁGUAS E ENERGIA ELÉTRICA Cadastro das outorgas de direito de uso da água nas bacias dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiaí, 2002/2003. Disponível em: www.dae.sp.gov.br/cadastro. Acesso em 12 de fevereiro de 2008.
- DIEGUES, A.C.S. Povos e Águas: inventário de áreas úmidas. 2ª edição. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, p. 597: il, 2002.
- FERREIRA, M.F.N. e CARAMASCHI, E.P. Aspectos da estratégia reprodutiva de machos de Teleósteos na área de influência da Usina Hidrelétrica Serra da Mesa, Alto rio Tocantins, GO. In: NOGUEIRA, M.G.; HENRY, R.; JORCIN, A. (Eds.): *Ecologia de reservatórios: impactos potenciais, ações de manejo e sistemas em cascata*. São Carlos: Ed. RiMa. p. 305-328, 2005.
- FURLAN, S.A. *Lugar e Cidadania: implicações socioambientais das políticas de conservação ambiental* (situação do Parque estadual na Ilha de São Sebastião – SP). Dissertação (Doutorado em Geografia Física) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- GIUGLIANO, R., SHIRIMPTON, L., ARKOL, D., GIUGLIANO, L. G. & PETRERE, M. "Diagnóstico da realidade alimentar e nutricional do Estado do Amazonas", *Acta Amazônica*, vol. 8(2): 5-53, 1978.
- INSTITUTO DE PESQUISA TECNOLÓGICA (IPT) Determinação de áreas críticas à erosão ao longo das faixasmarginais dos reservatórios dos rios Tietê e Paranapanema. Relatório nº 26.769, v.1, 1989.
- LEONEL, M. *A morte social dos rios*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- MALDONADO, S.C. *Mestres e Mares – espaço e Indivisão na pesca marítima*. São Paulo: Annablume, p. 122: 24, 1993.
- MAUÉS, R. H. & MOTTA-MAUÉS, A. "O modelo da Reina: representações alimentares em uma comunidade amazônica", *Anuário Antropológico* 77, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- McGOODWIN, J.R. 1990 *Crisis in the World's Fisheries: people, problems, and policies*. Stanford, USA: Stanford University Press, 1978.
- MINTZ, S.W. Encontrando Taso, me descobrindo. Tradução Mario Grynszpan. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 27 (1), p. 45-58, 1984.
- MINTZ, S. "Time, sugar and sweetness", *Marxist Perspective*, vol. 2(4): 56-73, 1985. *Sweetness and Power: the Place of Sugar in Modern History*, New York, Penguin Books.
- MORIN, E. *O método* 2ª edição: a vida da vida. Trad. Maria Lobo. Porto Alegre: Sulina, p. 89, 2001.
- MURRIETA R.S.S. O dilema do papa-chibé: consumo alimentar, nutrição e práticas de intervenção na Ilha de Ituqui, baixo Amazonas, Pará. *Revista de Antropologia* (versão impressa ISSN 0034-7701) São Paulo, v. 41 (1), 1998.
- MURRIETA, R.S.S. Dialética do sabor: alimentação, ecologia e vida cotidiana em comunidade ribeirinhas da Ilha de Ituqui, Baixo Amazonas, Pará. *Revista de Antropologia* (versão impressa ISSN 0034-7701) São Paulo, v.44 n°2, 2001.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO (FAO),. *MANUAL SOBRE MANEJO DE RESERVATORIOS PARA A PRODUÇÃO DE PEIXES*. Parte

- 4: Povoamento e Repovoamento de Reservatórios, p. 14, 1988. Disponível em: <<http://www.fao.org/docrep/field/003/AB486P/AB486P00.HTM>> acesso em: 20 de março de 2008.
- PETESSE, M.L. *Caracterização da ictiofauna da Represa de Barra Bonita (SP) e adaptação do índice de integridade biótica (IIB)*. Tese Doutorado apresentado ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, p. 256, 2006.
- POSEY D. Etnobiologia: teoria e prática. In: BERTA, Ribeiro. (Coord). *Suma Etnológica Brasileira*. 2ª ed., Petrópolis: FINEP/VOZES, p. 21, 1987.
- RECLUS, E. L'homme et la Terre. In: Andrade, M. C. (org.). *Élisée Reclus*. São Paulo: Ática (Col. Grandes Cientistas Sociais), p. 38, 1985.
- SECRETARIA ESTADUAL DE MEIO AMBIENTE (SEMA) Relatório da Qualidade do Meio Ambiente RQMA, Sinopse. Brasília, 1984 *apud* DIEGUES, A.C.S. *Povos e Águas: inventário de áreas úmidas*. 2ª edição – São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2002 p. 597: 24-25 il.
- SCHVELBUSCH, W. *Tastes of Paradise*, New York, Vintage Books, 1992.
- TUNDISI, J.G. MATSUMURA-TUNDISI, T. Limnology and eutrophication of Barra Bonita Reservoir, São Paulo, Southern Brazil. Arch. Hydrobiol. Beih. Ergeb. Limnol., v.33, p.661-676, 1990.
- TUNDISI, J.G. Estudo comparado dos mecanismos de funcionamento das Represas de Barra Bonita (Médio Tietê) e Jurumirim (Paranapanema) e dos impactos das bacias hidrográficas. (FAPESP, Projeto Temático 0612/91-5), 1992.
- TUNDISI, J.G. Água no Século XXI: enfrentando a escassez. – São Carlos: RiMa, Instituto Internacional de Ecologia, p. 49-50, 2003.
- THOMPSON, P. A voz do Passado. São Paulo: Paz e terra, p. 17, 1998.
- VALENCIO N.F.L.S. Pescadores do Rio São Francisco: a produção social da inexistência. São Carlos: RiMa, 2007.
- WITKOSKI, A.C. Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas. (Série: Amazônia: a terra e o homem) p. 486, 2007.
- ZALUAR, A. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: RUTH, C.L. *A aventura Antropológica - Teoria e Pesquisa*. (Org). Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 107-123, 1986.